

— 11-5-75

Sarney acha que o risco é inerente à redemocratização

Da Sucursal de
BRASILIA

Analisando a distensão político-institucional preconizada pelo presidente Geisel, o senador José Sarney (Arena-MA) observou ontem que, na sua opinião, o chefe do governo "é um democrata que está correndo o risco que é do seu cargo ao abrir caminho da redemocratização total do País".

Para o ex-governador do Maranhão, o presidente da República não poderia fazer mais do que tem feito, observando que sua conduta e a marcha do processo político "não é aquele que possivelmente ele desejaria, mas é aquele que é possível e que pode ser feito com o mínimo de risco para a estabilidade do País".

PROCESSO

Segundo José Sarney, a distensão é um meio e não um fim. "É um processo. O objetivo é o desenvolvimento político nos mesmos níveis do desenvolvimento econômico e social".

Afirmou o senador que, sendo um processo dinâmico, o seu ritmo está sujeito à realidade dos fatos e à racionalidade de suas estratégias. Uma limitação fundamental e óbvia serve de preliminar: a distensão nunca pode entrar em conflito com o modelo político do País.

"A distensão", acentuou, "não pode comprometer nem abrir condições de risco ao processo de desenvolvimento econômico, criando áreas que abalem o sistema de poupança — crédito externo inclusive — de segurança do investidor, decorrência da segurança de todos, e de mercado, quer restringindo-o ou destruindo-o pela desordem econômica ou financeira".

O senador maranhense disse, também, que no setor social a distensão não pode dar margem ao caos com a agitação, aliciamentos para reivindicações demagógicas ou impossíveis, suscitando aspirações não realizáveis e estimulando a luta de classes, a paralisação de atividades, "enfim a agitação social de que temos exemplos históricos de que não leva a nada".

EXEMPLOS

Quanto ao setor político, mos-

trou o parlamentar arenista que a distensão não pode, ao invocar a liberdade, comprometê-la.

"Para um julgamento firme e seguro dos passos que devemos seguir", disse ele, "é preciso saber que o Brasil depende e muito do contexto mundial. É impossível esquecer que hoje não há nenhum Estado socialista que não o seja pela força e que os comunistas não cumprem nem aceitam acordos. Eles só admitem a vitória total com o esmagamento dos democratas. Temos o exemplo do Vietnã, do Cambodge, de Portugal e do intransigente comportamento dos partidos comunistas da França e da Itália. Para eles, não existe trégua e nem convivência. Os socialistas portugueses estão sentindo na própria carne essa atitude".

Acrescentou que, desta forma, no contexto mundial, se desejarmos continuar sendo um país democrata, "temos que saber preservar a nossa liberdade".